

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**GARIMPANDO MEMÓRIAS: O PROCESSO DE DESOCUPAÇÃO DOS
BARRANQUEIROS MORADORES DA RUA DA PRAIA NO
MUNICÍPIO DE ESTRELA/RS NA DÉCADA DE 1960**

Cristiane Schneider

Lajeado, julho de 2015

Cristiane Schneider

**GARIMPANDO MEMÓRIAS: O PROCESSO DE DESOCUPAÇÃO DOS
BARRANQUEIROS MORADORES DA RUA DA PRAIA NO
MUNICÍPIO DE ESTRELA/RS NA DÉCADA DE 1960**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de História, do Centro Universitário Univates, como parte da exigência para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Professora Dra. Silvana Rossetti Faleiro

Lajeado, julho de 2015

AGREDECIMENTOS

Agradeço a vida e a vontade de prosseguir continuamente.

A concretização deste trabalho decorre do comprometimento, persistência e inclinação dedicados por mim, meus familiares, mestres, colegas e amigos ao longo da minha graduação.

Um agradecimento especial à professora e orientadora Silvana Rossetti Faleiro, pelas falas, orientações, recomendações e exigências, ressaltando a credibilidade em mim durante o desenvolvimento deste trabalho, bem como, a amizade e dedicação durante toda minha vida acadêmica. E aos demais professores do curso de História, em particular à Maribel Girelli, Mateus Dalmáz, Neli Galarce Machado, Luís Fernando da Silva Laroque e Márcia Solange Volkmer.

Às minhas filhas, Ana Júlia, Kamila e Bruna pela paciência e confiança em mim, pelo orgulho sentido e sempre dito, meu muito obrigada.

E, por fim, agradeço aos Barranqueiros, o misto de emoções proporcionadas e o carinho demonstrado durante as entrevistas.

Resgatar as sensibilidades implica encontrar a tradução externa, enquanto marca de historicidade, de uma impressão interna. Mas esta é tarefa das mais finas, delicadas, profundas, pois a realidade não se apresenta de forma literal ou transparente.

O mundo é simbólico, a realidade é cifrada, discursos e imagens são portadores de sentidos e de elementos sutis, por vezes quase imperceptíveis, multifacetados.

É preciso, pois, ir ao encontro deste mistério do mundo, optando sempre pelo olhar oblíquo, indireto, para ver além, mudando o ponto da observação.

Sandra Jatahy Pesavento

Logo, a imagem emergiu tendo a função de tornar presente o ausente e dar continuidade à existência terrena.

[...] Olhar não é simplesmente ver, nem observar com mais ou menos competência. Ele pressupõe a implicação. As criações humanas só são suscetíveis de interpretação e de explicação pelo caminho da compreensão implicativa, de uma tomada de consciência sobre si mesmo.

Maria Lúcia Bastos Kern

Rua da Praia, que tanta lembrança nos trás!
Das brincadeiras, dos tempos que não voltam mais!

Buraco dos cachorros
Gaiola e alçapão
Soldado ladrão
Futebol na baixada
Comendo cevada!

Tático e Marcílio
Tia Ilma e mil folhas
Tio Beno e pão d'água
Prainha americana
Molecada pelada!

Vapor e Adão e Eva
João Risada e barca
Lambari e piava
Eta vida danada
Comendo cevada!

RESUMO

O objetivo desta monografia é analisar o processo de desocupação dos Barranqueiros, moradores da antiga Rua da Praia, no município de Estrela-RS, localizado na região Vale do Taquari na década de 1960. Procuramos enfocar sobre as motivações e/ou frustrações que conduziram estas famílias às mudanças, levando em consideração a perspectiva de um enfrentamento entre forças político-econômicas *versus* social. O estudo foi organizado a partir de diferentes fontes, tais como jornais e documentos, entretanto, dependeu fundamentalmente dos testemunhos. A metodologia da História Oral em harmonia com a extensa bibliografia que debate conceitos respectivos ao tema, como História Regional, cultura e memória. Valendo-se desse aporte teórico, buscamos considerar os moradores nas suas vivências com relação ao contexto social, com ênfase do que significou o desligamento.

Palavras-chave: Vale do Taquari. História Regional. Memória. Barranqueiros.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AEPAN – Associação Estrelense de Proteção ao Ambiente Natural
- BDR – Banco de Dados Regional
- CADE – Conselho de Desenvolvimento Econômico.
- CMDPU – Centro de Memória, Documentação e Pesquisa da Univates.
- DAER – Departamento Autônomo de Estradas e Rodagens
- ICMS – Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias e Prestação de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação.
- OASE – Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A DESOCUPAÇÃO DA RUA DA PRAIA NA DÉCADA DE 1960: DECORRÊNCIA DE UM CONTEXTO SOCIOECONÔMICO	12
3 A EXPANSÃO DA CERVEJARIA POLAR SOBRE OS BARRANQUEIROS	20
4 A SEMPRE E PARA SEMPRE NOSSA: RUA DA PRAIA	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	
ANEXOS	43

1 INTRODUÇÃO

Durante muitas décadas no Vale do Taquari-RS, mais precisamente na cidade de Estrela, um determinado grupo vivia sem fortes quebras de rotina seu cotidiano. Entretanto, vínculos construídos ao longo de um período foram de certa forma arrancados destas pessoas, ou seja, laços de convivência finalizados em nome do desenvolvimento econômico dessa região.

O interesse pela pesquisa sobre o processo de desocupação dos Barranqueiros da Rua da Praia surgiu primeiramente pelo desejo de contemplar algo que fizesse parte do município do qual sou natural, e por isso, sentindo-me integrante de sua história. Permito-me, enquanto estrelense, adentrar-me num assunto onde de alguma forma me enxergo, vinculando-me ao conjunto de relações no qual configuro minha identidade social.

De outro modo, pensar o processo de desocupação destes moradores é importante, pois faz parte da história da sociedade estrelense e, principalmente, continua presente nas lembranças, na memória das pessoas que de alguma forma estiveram envolvidas naquele contexto.

O estudo pretende elencar dados referentes à movimentação ocorrida na década de 1960, quando famílias tiveram de deixar o local onde habitavam em razão da expansão econômica e territorial da indústria de bebidas Cervejaria Polar. Sendo assim, muitas perguntas nortearam este trabalho, mas a problemática de pesquisa refere-se à seguinte questão: na perspectiva de um enfrentamento entre forças político-econômicas versus sociais, como incidiu essa mobilização?

O recorte temporal e espacial da análise corresponde respectivamente à década de 1960 no município de Estrela, em particular, a Rua da Praia. Os enfoques constituirão de informações relevantes ao tema, tendo por objetivos: relacionar o processo de expansão da Cervejaria Polar S/A com a conjuntura da desocupação; identificar o perfil econômico e social dos Barranqueiros no período investigado; refletir sobre as motivações e/ou frustrações que conduziram estas famílias às mudanças.

A proposta metodológica desta busca está atrelada a leituras de diferentes autores que forneçam subsídios teóricos aos conceitos destacados – Memória; Cultura; Lembrança; História Regional – e que acrescentam à estrutura da análise em questão.

Farei uso de documentos cuja interpretação possa contribuir para melhor entendimento desse processo de desocupação dos moradores da Rua da Praia, bem como, fotografias que de certa forma irão remeter-me ao período problematizado, qualificando ainda mais o resultado da pesquisa.

Entretanto, a realização deste trabalho dependerá fundamentalmente dos testemunhos dos moradores e de pessoas da comunidade atreladas de alguma forma ao processo de desocupação dos Barranqueiros. Assim, a reconstrução do cotidiano dos protagonistas desta narrativa se produzirá a partir do uso da história oral, esquadrinhando relações entre memória e história.

Com a intenção de obter respostas a tantas inquições, o trabalho foi estruturado em três capítulos. O primeiro contextualiza em linhas gerais a conjuntura econômica mundial nos anos de 1960, período de importante desenvolvimento, principalmente, no âmbito industrial. O segundo capítulo apresenta a história da Cervejaria Polar quando do processo de expansão territorial da indústria, ação vinculada diretamente à saída dos moradores da Rua da Praia por razão da incorporação à empresa de algumas vias existentes nos arredores. No terceiro capítulo conferimos, a partir de entrevistas, como se davam as relações sociais entre os moradores, o que representava pertencer àquela rua e, sobretudo, o que significou este desligamento.

O item final contempla algumas considerações atinentes ao assunto, procurando atender os objetivos e problematizações elencadas à análise. Contudo, ficam ainda muitos questionamentos que poderão ser polidos e/ou contestados a partir de futuros trabalhos.

2 A DESOCUPAÇÃO DA RUA DA PRAIA NA DÉCADA DE 1960: DECORRÊNCIA DE UM CONTEXTO SÓCIOECONÔMICO

A década de 60 está inserida num contexto de importante desenvolvimento econômico e mudança social. Segundo Eric Hobsbawm (1995, p. 15), “anos que provavelmente mudaram de maneira mais profunda a sociedade humana que qualquer outro período de brevidade comparável”. Além disso, podemos mencionar conflitos como a Guerra do Vietnã (1960 – 1975), combate que pode ser “emoldurado” no conjunto histórico da Guerra Fria; os movimentos estudantis em 1968, que mesmo mobilizando uma minoria em população, tiveram grande significado cultural; os reflexos da Revolução Cubana na América Latina (re)definindo os rumos da política externa. Sobre esse assunto em específico, Boris Fausto (2003, p. 439), destaca que,

a ameaça comunista, agitada como um espantalho para reprimir as reivindicações das classes dominadas, convertia-se em realidade. Se um regime desse tipo podia se instalar a menos de 150 quilômetros da Flórida, porque não poderia triunfar em outras regiões da América Latina?

Esta mesma conjuntura mundial é estabelecida no Brasil. A década de 1960 inicia sob o último ano do governo de Juscelino Kubitschek, cuja política econômica fora determinada no Programa de Metas. De acordo com Fausto (2002), os planos deste governo constituíram notabilidade, especialmente, no campo industrial. Entretanto, sabe-se também que este período encontra o país atrelado a uma forte crise no sistema político, a qual contribuiu para precipitar os eventos que desencadearam o golpe de 64 e o subsequente regime militar.

Todos estes acontecimentos impactavam diretamente no cenário rio-grandense. Leonel Brizola, então governador do Rio Grande do Sul, entre 1959-1963, teve proeminência no acontecimento da “Campanha da Legalidade” em 1961. Para Fábio Kühn (2011, p. 134), “certamente foi o maior feito de Brizola durante seu governo [...]. De fato, esse episódio acabou adiando por quase três anos o desfecho do golpe militar que naquela ocasião se intentou”. Em abril de 1964 os militares assumem definitivamente o poder, estreando mais de vinte anos de regime ditatorial. Contudo, a economia apresenta indicadores considerados positivos o que, na área econômica e mesmo na historiografia ficou conhecido como “milagre econômico”. Ainda no entendimento de Kühn (2011, p. 141): “Durante o período ditatorial, o Rio Grande do Sul permaneceu tendo sua inserção tradicional na economia brasileira, como produtor agrícola e com uma indústria focalizada na produção de bens de consumo”.

Seguindo nesta perspectiva nos reportamos ao regional onde a abordagem gira em torno do Vale do Taquari¹ que na década de 1960 apresentou em sua trajetória destaques de crescimento no plano socioeconômico, fazendo jus à conjuntura do período.

Conforme Silvana Rossetti Faleiro (2009, p. 35):

Em meio aos alinhavos políticos, apareciam também várias mudanças no cenário socioeconômico regional, [...]. É o caso, por exemplo, de obras físicas, como RS-130; BR-386 [construída entre as décadas de 1960 e 1970]; Porto de Estrela; Barragem de Bom Retiro do Sul; conclusão da Ferrovia do Trigo, todas obras financiadas e inauguradas durante o período militar. A isso soma-se o aumento do contingente populacional, decorrente da migração no sentido ambientes rurais – ambientes urbanos (seja intra ou inter-regional), e predominantemente impulsionado por operários [famílias] candidatos à mão-de-obra nas referidas obras, que abrangiam os municípios mencionados.

¹ Atualmente formado por 36 municípios, o Vale do Taquari está situado na região central do Rio Grande do Sul, a 150 quilômetros de Porto Alegre. Constituído por uma diversidade étnica onde destacamos populações de origem alemã, italiana, açoriana, negra e indígena. Ocupa uma área de 4.826,7 km² de extensão, detentor de uma excelente localização, com fácil acesso a diversas regiões do estado, país e exterior por estradas pavimentadas. Fonte: Banco de Dados Regional – BDR. Disponível em <http://www.univates/bdr>. Acesso em: abr. de 2015.

A autoestrada de maior ingresso ao Vale, a BR 386 mencionada acima, também reconhecida como “Estrada da Produção”, foi implantada nos anos de 1960 e 1970 aprimorando o desenvolvimento no setor econômico da região. Mateus João Zanchet (2013, p. 17) sublinha em relação à rodovia: “na década de 60 quando foi iniciado o processo de pavimentação a estrutura base havia sido projetada sobre estudos de tráfego diário na média de 3.000 veículos dia, segundo o Departamento Autônomo de Estradas e Rodagens – DAER”².

José Alfredo Schierholt (2002, p. 280) ressalta que:

[...] a BR-386 e a ponte sobre o Rio Taquari, inaugurada em 20-09-1962, estreitando ainda mais os laços entre Lajeado e Estrela, de Cruzeiro do Sul e de Arroio do Meio, se unem e formam, praticamente, um bloco urbano, a metrópole do Vale do Taquari.

Tais considerações ficam relacionadas com o núcleo desta pesquisa, onde o espaço de investigação contempla a história do Vale do Taquari, cenário que conduz ao estudo regional. Neste sentido, menciona-se a definição apresentada por Philippe Ariès (apud Constantino, 2004, p. 159):

A História Local ou Regional pode ser um prolongamento do nosso grupo familiar, de nós mesmos. Reflete uma necessidade de conhecer-se e narrar-se; valoriza redes familiares, lembranças da infância, genealogias, tradições orais; detém-se no léxico familiar, nas palavras empregadas no cotidiano, ou nos documentos guardados em velhos baús.

Nesta direção, para que as intenções sejam ainda mais constituídas de integridade, direcionamos observações para o município de Estrela, mais precisamente aos moradores da Rua da Praia. Tal escolha faz com que a pesquisadora embrenhe-se do ponto de vista teórico no campo da Micro-história.

Conforme Sandra Jatahy Pesavento (2004, p. 180),

² Presentemente as cidades de Lajeado e Estrela são as que mais se destacam no campo econômico regional, motivadas, em parte, por estarem localizadas as margens da BR 386, trecho por onde passam diariamente aproximadamente 18.000 veículos, interligando várias regiões do estado. Fonte: Banco de Dados regional – BDR. Disponível em <http://www.univates/bdr>. Acesso em: abr. 2015.

A micro-história é antes um método ou estratégia de abordagem do empírico, que implica o uso conjugado de dois procedimentos: redução de escala do recorte realizado pelo historiador no tema, transformado em objeto pela pergunta formulada, e ampliação das possibilidades de interpretação, pela intensificação dos cruzamentos possíveis, intra e extratexto, a serem feitos naquele recorte determinado.

Considerando o fragmento exposto, aborda-se o município de Estrela localizado no Centro Oriental Rio-Grandense, na microrregião de Lajeado-Estrela, no Vale do Taquari. Banhado pelo Rio Taquari é um dos poucos municípios do estado com um entroncamento rodo-hidro-ferroviário: Porto de Estrela, uma via férrea ligada à Ferrovia do Trigo e BR 386.

O município de Estrela sempre se destacou pelo elevado padrão de vida, atribuído, além de outros fatores, às indústrias que se sobressaem frente à economia. Segundo Schierholt (2002, p. 383),

a indústria tem a maior participação na dimensão da economia do Município, chegando a 68%, especialmente nas atividades metalúrgicas e têxteis, bebidas e alimentação, materiais plásticos e tintas, vestuário e calçados.

Nos entornos do período pesquisado, ou seja, na década de 1960, a cidade de Estrela teve no poder executivo dois prefeitos, Bertholdo Gausmann (dois mandatos), primeiramente eleito em 31/12/1959, com retorno em 31/01/1969 e Adão Henrique Fett eleito em 31/12/1963. Os dois governantes tiveram destaque nas mais diversas áreas. Sublinho o primeiro uma vez que criou a Biblioteca Municipal, “uma velha aspiração do povo estrelense” e por ser grande incentivador da Indústria e Comércio em sua gestão “doou a final da Rua Dr. Tostes à Cervejaria Polar S/A para a ampliação de sua fábrica” (Schierholt, 2002, p. 103; 110).

A Indústria de Bebidas Antártica-Polar S/A foi uma das primeiras e principais indústrias de Estrela. A fábrica teve diversos nomes, mas o que mais marcou foi Cervejaria Polar, cujo fim das atividades ocorreu em 2006. De acordo com Schierholt (2002, p. 388), “para os trabalhadores e suas famílias foi uma desgraça e para Estrela, uma perda lamentável. Com o encerramento da fábrica e o fechamento da empresa, a Cervejaria Polar fica em Estrela para entrar na história”.

Todavia, na década de 1960, mais precisamente em 1962, ano do seu cinquentenário, a Polar, que foi fundada em 10/10/1912 sob o nome de “Sociedade em Comandita Júlio Diehl & Cia”, passava por um momento de respeitável desenvolvimento.

Schierholt afirma (2002, p. 386 e 387):

O rótulo de 1962 trazia *Cerveja Polar Chopp – Cinquentenário 1912-1962 – Polar S.A. Ind. Com. E Agr. Estrela – Santa Cruz do Sul – Guaporé*. A matriz estava em Santa Cruz do Sul e a Maltaria da Polar, na filial de Guaporé. Produzia também a Casco Escuro e a Malzbier Polar. Igualmente eram produzidos os afamados refrigerantes *Água Estrela, Soda Laranja, Gasosa Cristal, Água Tônica e Guaraná Frisante*.

Temos inúmeras formas de compreender a questão do desenvolvimento. Cíntia Agostini (2008, p. 28) sustenta que “o desenvolvimento só é válido se possibilitar a liberdade dos indivíduos e se visto como um processo que abarca todas as liberdades e que se expande ao longo do tempo”.

Ainda na perspectiva da autora (2008, p. 26):

[...] a concepção de desenvolvimento contempla, além do crescimento econômico, indicadores que demonstram resultados das condições sociais dos indivíduos no que se refere à qualidade de vida da população. Para tanto, a alocação de recursos via políticas públicas nos diferentes setores da economia objetiva melhorar indicadores socioeconômicos como pobreza, desemprego, desigualdades sociais, condições de saúde, alimentação, educação e moradia.

Nesta etapa, em que consideramos o conceito de desenvolvimento e seus desdobramentos, nos deparamos frente a frente com os Barranqueiros³ e sua saudosa Rua da Praia⁴, tema principal da presente investigação.

Retomando-se Agostini, quando diz que:

³ Assim que se reconhecem os moradores da antiga Rua da Praia.

⁴ Primeiramente Rua Marechal Deodoro, na atualidade denominada Rua Arnaldo J. Diel foi inviabilizada oficialmente em 1974, quando a Polar/Antártica recebeu da Administração Municipal a doação de uma área de terras da qual a rua fazia parte.

Apesar de aceitos e institucionalizados mundialmente, os indicadores apresentados a cada período não demonstram em sua totalidade as condições para a busca do desenvolvimento tradicionalmente concebido, tanto é que, mesmo sendo positivos os resultados para algumas economias, não se tratam de condição plena da melhoria da qualidade de vida da população (2008, p. 26 e 27).

Ainda sem apresentarmos transparência a respeito da importância de desenvolvimento, e nem incluímos nesta ocasião a pretensão de fazê-lo, a partir da citação fica evidente que esse processo não está atrelado unicamente com a qualidade de vida dos indivíduos. Dessa forma, neste trabalho se quer tratar a noção de desenvolvimento como sinônimo de felicidade.

Esta questão nos coloca o desafio de analisar a desocupação dos Barranqueiros, moradores da Rua da Praia, processo que transcorreu na década de 1960 na cidade de Estrela.

A Rua da Praia foi palco de inúmeras histórias. Não temos como discorrer sobre o Rio Taquari, os vapores, a importante Escadaria do Cais do Porto⁵, os Trapiches⁶ e Maxambombas⁷ que por muitos anos destacaram-se no contexto da navegação, indústria e comércio do município, sem mencionar tal via (ANEXO A). Também o Concurso Rainha das Praias, igualmente denominado de Miss Cascalho, promovido em 1968 pela antiga Rádio Alto Taquari, naquela ocasião apresentou Maria Inês Vogt de Cruzeiro do Sul como “Miss Cascalho 68”, Rosvita Sandra Drehmer de Bom Retiro do Sul e Maria Eunice Ely de Estrela como princesas⁸; ainda o famoso Zigue-zague⁹, como os antigos moradores chamavam o caminho ladeirento e curvado que unia a parte alta da cidade até a beira do rio e para, além disso, os protagonistas da nossa história, os Barranqueiros, sem referir a sempre lembrada Rua da Praia (ANEXO B).

⁵Inaugurada oficialmente em 15/10/1924 foi reinaugurada em março de 2015. Este local também ficou em posse da Indústria de Bebidas Antártica Polar S.A. após doação da Administração Municipal da época.

⁶ Armazéns para depósito de produtos que chegavam à região através de barcos e para abrigar produtos agrícolas e industriais a serem embarcados no Porto de Estrela ou outros da região. Fonte: Jornal Folha de Estrela, 2015, p. 11.

⁷ Engenhoca que tinha como objetivo a carga e descarga dos vapores atracados nos portos, ou seja, faziam a ligação e o transporte dos produtos armazenados até o cais do porto. Localizado praticamente ao nível das águas. Fonte: Jornal Folha de Estrela, 2015, p. 11.

⁸ O Concurso foi realizado até 1974. Fonte: Jornal Folha de Estrela, edição de 26 de março de 2015, p. 5.

⁹ Localizado entre o início do Zigue-zague e o Prédio da Polar está o Monumento do Cascalho, inaugurado em 1979. Refere-se a uma homenagem dos moradores da Rua 13 de maio ao Rio Taquari.

Considerando portanto a importância do logradouro e seus ilustres moradores trata-se de admitir que:

O ano de 1974 foi marcante para quem vivia à beira do Rio Taquari. Com a justificativa de colaborar com o desenvolvimento da cidade, dezenas de famílias tiveram que deixar o local onde moravam na Rua Arnaldo J. Diehl [sic], e começar a vida em outro lugar. A via seria utilizada para a expansão da Polar S/A, principal empresa da Estrela na época. Com seu fechamento, uma parte da história ficou para trás – em especial a famosa Escadaria de 105 degraus, com duas estátuas na extremidade superior. [...] A “praia” era a do cascalho, principal destino da população nos dias quentes. O local servia como ponto de encontro para famílias, amigos e pescadores. Os cascalhos que dão nome à praia ficaram submersos com o represamento das águas pela barragem de Bom Retiro do Sul, iniciada em 1958 e concluída 20 anos mais tarde (Jornal *Folha de Estrela*, edição de 26 de março de 2015, p. 5, grifo nosso).

Diante do exposto podemos identificar que nos entornos dos anos 60 as movimentações giravam em torno de especulações. A Rua da Praia e seus habitantes viviam momentos de desassossego e instabilidade. O que antes representava tranquilidade, felicidade e união, agora aparecia como agitação, tristeza e incertezas.

Os barranqueiros constituíam famílias provindas de diferentes lugares. Indivíduos que chegavam àquele lugarejo trazendo em suas malas não apenas o vestuário, mas sim, sonhos e esperança de vida melhor. O testemunho a seguir retrata a situação:

Era a nossa chance. Levamos nossas “trouxas”, nossos três anjinhos pequenos e fomos de ônibus até Porto Alegre. Para nós, tudo era estranho. Íamos para uma terra distante que não conhecíamos. Viajamos a noite inteira, sentamos no terraço do vapor, aí falei em alemão para meu marido: “- Über wasser, über feld immer weiter in die fremte welt”. Meu marido me abraçou e disse: “Em cima da água, em cima da terra e na noite escura, vamos procurar nosso futuro”. Olhamos para o céu e as estrelas brilhavam para nós. Falei: “Como as estrelas, assim vai brilhar a nossa vida daqui para frente”. E com muita esperança fomos para Estrela, felizes junto com nossos três filhinhos. Pensei, “posso perder tudo, menos a esperança”. O vapor chamado Osvaldo Aranha, foi até Mariante, de lá pegamos o ônibus até Estrela. Tomamos café no Hotel Stein e viajamos até Arroio do Meio, onde morava minha irmã Alzira. Lá ficamos duas semanas, até arrumar uma casa e a oficina para trabalhar. Viemos em 17 de julho de 1941 e em 02 de agosto fomos morar na nossa casa, em Estrela, na rua Marechal Deodoro, chamada Rua da Praia, pois ficava perto do rio Taquari. Demorou até comprarmos tudo novamente, primeiro compramos a cama e o fogão, mas isso não importava, pois éramos felizes (Ruschel, 2005, p. 17).

Além disso, enfatiza que

onde morávamos, nossos vizinhos eram muito bons. Estávamos sempre juntos, na alegria e na doença. Uns ajudavam aos outros, jamais esquecerei daquele tempo tão feliz. [...]. **Depois de um tempo a Polar comprou a casa que morávamos, na rua Marechal Deodoro e construímos uma casa no Bairro Oriental, na rua Balduino P. Vier, onde moro até hoje. É muito gostosa de morar, mas na outra eu era mais feliz**, pois tinha todos os meus filhos em casa ainda (Ruschel, 2005, p. 22; 31, grifo nosso).

A partir dessa contextualização, podemos constatar que o processo de desocupação dos barranqueiros, iniciado na década de 1960 e oficializado em 1974, quando a Rua da Praia foi definitivamente fechada e passada em posse da Cervejaria Polar S/A, se enquadra ao aspecto social que, consequente da migração e seus efeitos, induziu mudanças. Um grupo foi extirpado de seu habitat, do local onde havia criado raízes, um “despejo humano” que ocasionou mudanças dos destinos, pois conduziu a vida de muitas famílias de forma contrária aos seus desejos, consequência de uma série de acontecimentos atrelados ao desenvolvimento econômico do município.

Diante de uma infinidade de entendimentos, ainda nos descobrimos repletos de imprecisões. Qual o perfil econômico e social dos Barranqueiros? Quais as motivações e/ou frustrações que conduziram estas famílias às mudanças? Quais os sentimentos que envolveram essas pessoas durante todo o processo?

Antes de prosseguir nos pontos acima expostos, o capítulo seguinte abordará exterioridades referentes à história da Cervejaria Polar S/A no município de Estrela, já que identificamos a expansão econômica e territorial da indústria como fator chave da desocupação.

3 A EXPANSÃO DA CERVEJARIA POLAR SOBRE OS BARRANQUEIROS

A Indústria de Bebidas Antártica-Polar S/A foi uma das primeiras e principais fábricas da cidade de Estrela. Fundada em outubro de 1912 por Júlio Diehl e mais um grupo de investidores, que criaram no município aquela que chegaria a se transformar em uma das indústrias de bebidas colocadas dentre as mais importantes do Brasil no século XX (ANEXO C):

Depois de ter sido fundada por Júlio Diehl & Cia, a empresa passou a outro integrante da sociedade pouco tempo mais tarde, Luiz Ignácio Müssnich. Nos anos 1920, ele foi pioneiro na perfuração de um poço artesiano que passou a fornecer água para indústria. “Com esta água se fabricava o refrigerante e, para fazer a cerveja, a água era bombeada do rio”, conta o ex-funcionário Flávio Jaeger (85), que atuou na empresa de 1960 a 1979, passando de assistente à procurador da empresa. Com o falecimento de Müssnich, em meados dos anos 1930, a viúva Amália responsabilizou-se pela administração da fábrica com as filhas por quase dez anos. Após este período, a indústria começou a enfrentar dificuldades financeiras e foi oferecida a um grupo de empresários de Santa Cruz do Sul. “Eles sempre tiveram muito interesse em ter uma cervejaria. Como aqui havia toda a estrutura montada, bastou estipular um valor”, conta Jaeger. Os investidores bateram o martelo em 1945. Nesta época, com o nome cervejaria Estrela S. A. (Jornal *O Informativo*, edição de 1º e 2 de setembro de 2012, p. 20).

Por entendermos a ampliação econômica e territorial da empresa episódio acionador da desocupação dos moradores da antiga Rua da Praia, consideramos de fundamental relevância analisar a trajetória da Polar. Para essa investigação seguimos a perspectiva de Hobsbawn (1995, p. 9):

A medida que o historiador do século XX se aproxima do presente, fica cada vez mais dependente de dois tipos de fontes: a imprensa diária ou periódica e os relatórios econômicos e outras pesquisas. [...] Nenhuma história das

mudanças sociais e econômicas ocorridas neste século poderia ser escrita sem essas duas fontes.

Além dos aspectos de força econômica citados anteriormente, a cervejaria até hoje é lembrada com saudades por ex-cervejeiros e a comunidade em geral. Uma ideia lançada por Luiz Roque Schwertner¹⁰ faz com que a empresa permaneça viva na lembrança do povo estrelense. Constitui numa exposição dos rótulos das diversas marcas criadas pela Polar. O relato a seguir esclarece:

Schwertner sugeriu que Adão¹¹ enfeitasse seu estabelecimento com os antigos rótulos da cerveja Polar. Há cerca de dois anos, o bar virou uma espécie de “museu”. Rótulos históricos, de variados tipos de cerveja Polar, dão cor às paredes. “Tem gente que vem aqui, fica curiosa, para, olha, pergunta. Acho que é uma maneira de as pessoas conhecerem a história por meio de rótulos”, acredita Adão (Jornal *O Informativo*, edição de 1º e 2 de setembro de 2012, p. 21).

Perpassando a produção de cervejas e refrigerantes, a atividade incorporou no cotidiano da cidade, passando a fazer parte da cultura e folclore de Estrela.

Para lastrear esse viés analítico, usa-se a noção de cultura trabalhada por John B. Thompson (1999, p. 173),

[...] a cultura de um grupo ou sociedade é o conjunto de crenças e costumes, ideias e valores, bem como artefatos, objetos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo ou sociedade; e o estudo da cultura envolve pelo menos em parte, a comparação, classificação e análise científica desses diversos fenômenos.

Até 1912 a fabricação de cerveja existente no município abrangia tão somente forma artesanal, recebendo a partir de então um tratamento profissional e industrial. É o que elucida o relato a seguir:

A cerveja artesanal embarcou nos navios da Europa para o Brasil no século XIX para abastecer as adegas da família imperial – conta-se que Dom Pedro gostava muito da bebida. A mistura de malte, lúpulo e fermento, agradava os imigrantes que chegaram ao Vale do Taquari, incentivando o trabalho com os ingredientes. Em Estrela diversas pequenas lojas

¹⁰ Diretor da Livraria O Paladino – Estrela/RS e herdeiro do arquivo do jornal O Paladino (1921-1941).
Fonte: Jornal *O Informativo*, edição de 1º e 2 de setembro de 2012, p. 21.

¹¹ O comerciante Adão Marques é proprietário do Bar do Adão localizado em Estrela/RS.

artesanais surgiram cá e lá, mas nenhuma delas marcou uma história tão pioneira e longa quanto a Polar S.A. Se ainda existisse na cidade, em 10 de outubro estaria completando seu centenário. Tão presente ainda em Estrela quanto as construções à margem do rio Taquari, a Polar mantém-se viva na memória dos mais idosos e no imaginário daqueles que nasceram depois do seu apogeu (Jornal *O Informativo*, edição de 1º e 2 de setembro de 2012, p. 20-21).

A Cervejaria Polar ao longo de sua história destacou-se pelo lançamento de diferentes marcas. Iniciou com a Cerveja Aurora, depois a Íris, Estrela e Regional, posteriormente a Bock e a Casco Escuro. Esta última recebeu tal denominação porque inicialmente no Brasil as cervejas eram engarrafadas em vasilhames de vidro verde e branco. Um estudo alemão mostrou que a durabilidade do produto era muito maior com garrafas de cor escura, então foi lançada a Casco Escuro. O sucesso foi extraordinário, de tal maneira que, um ano depois as demais marcas reproduziram o modelo e constituiu norma no país a utilização de garrafas âmbar. Por fim, a marca Polar Export que incluiu lançamento nacional, destacando-se pelo rótulo aluminado. Sobre a inovadora Casco Escuro o depoimento seguinte ilustra:

O jovem Dragutin¹² acabou sendo o responsável por uma das façanhas mais lembradas na história da cerveja. Ao buscar aprimoramento de técnicas na Alemanha, ele visitou o laboratório Bayer e lá verificou que medicamentos embalados em vidros da cor âmbar duravam o dobro do tempo. Voltando à Estrela, ele propôs à direção da empresa que, em vez de engarrafar a cerveja em vidros verdes, o ideal seria usar os da cor âmbar. “Foi longa a luta para convencer as empresas que fabricavam as garrafas a fazê-las desta cor”, recorda Jaeger. Mas, a Polar conseguiu e lançou a Casco Escuro, uma novidade que extrapolou o Estado, e a nação inteira consagrou. “A Casco Escuro foi o maior lançamento da Polar. Depois dela, veio a Polar Export. Foi um período de muito desenvolvimento.” Nos anos 1960, além destas, a cervejaria lançou a garrafinha pequena de vidro, sem retorno, outro pioneirismo (Jornal *O Informativo*, edição de 1º e 2 de setembro de 2012, p. 20).

Em pleno momento do já referido “milagre econômico”, mais pontualmente a partir de 1972, a Polar S/A, que concentrava em torno de 800 funcionários é adquirida pelo Grupo Antártica Paulista. A economia do município de Estrela girava em torno da Cervejaria. Por muito tempo a empresa permaneceu na primeira posição com base na arrecadação do Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias e Prestação de Transportes Interestadual e

¹² Filho de Peter Hirtenkauf. Ambos técnicos cervejeiros iugoslavos contratados pela Cervejaria Polar. Fonte: Jornal *O Informativo*, edição de 1º e 2 de setembro de 2012, p. 20.

Intermunicipal e de Comunicação – ICMS, mantendo-se nesta linha até meados de 2001, quando inicia o processo de fechamento. Em 2002 ocorrem exonerações em massa de cervejeiros. Em abril de 2006 a multinacional AmBev¹³, então detentora da marca da cerveja Polar, anunciou a desativação da fábrica de Estrela¹⁴.

Sobre este andamento, destacamos o testemunho a seguir:

Flávio Jaeger arrisca dizer que se Arnaldo Diel¹⁵ não tivesse falecido (em janeiro de 1969), a Polar S.A. nunca teria deixado de funcionar em Estrela. A partir da morte do administrador, em meados dos anos 1970, o poder acionário foi vendido para o Grupo Antártica. [...] Nos anos 1990, porém, começa a decair a produção de cerveja em Estrela. Em 1999, eclode a notícia da megafusão das maiores cervejarias do Brasil, ou seja, Brahma e Antártica, efetivada em 2000. Em 2001, a empresa em Estrela começa a fechar aos poucos. Em dezembro de 2011, o município de Estrela finaliza a compra do complexo da antiga polar, retomando o patrimônio que estava sob o poder da Companhia de Bebidas das Américas (AmBev) (Jornal *O Informativo*, edição de 1º e 2 de setembro de 2012, p. 20).

Na década de 1960 a companhia atinge o ápice de seu crescimento. Em 1962 – ano do seu cinquentenário – a Polar exibia comercial da cerveja marca Casco Escuro com o slogan: “Polar criou, a nação inteira consagrou” e “A cerveja mais cerveja do Brasil”. Por consequência houve necessidade de expansão em domínio territorial e ruas localizadas em torno da indústria foram anexadas ao patrimônio. Schierholt (2002, p. 387) acrescenta:

No ano de 1962, foi feito o projeto de ampliação da fábrica em 4.500m². Integravam a diretoria Arnaldo José Diel, Edgar Gründling e Arno C. Binz. A filial de Estrela estava sob a gerência de Odilo A. Thomé, tendo como seu assistente Flávio Jaeger.

Neste período, por decorrência destas incorporações, ocorre o processo de desocupação dos barranqueiros. Rua Marechal Deodoro, para os antigos; Arnaldo J.

¹³ *American Bevery* – Companhia de Bebidas das Américas. Grupo Antártica Paulista, então detentor da marca da cerveja Polar.

¹⁴ Informações atinentes a esse assunto encontram-se no livro intitulado *Estrela: Ontem e Hoje*, do autor José Alfredo Schierholt, edição de 2002.

¹⁵ Ele foi o criador do anteprojeto do Fundo de Garantia por Tempo de serviço, em substituição da Lei da Estabilidade (quando um trabalhador ficava empregado por dez anos numa empresa, ele só poderia ser demitido por falta grave). Esta proposta foi entregue por Diel ao presidente da República, o gaúcho Arthur da Costa e Silva, em 1968, e foi implantada. Fonte: Jornal *O Informativo*, edição de 1º e 2 de setembro 2012, p. 20.

Diel, para os mais novos; Rua da Praia para os amantes da vida sossegada às margens do Taquari. O logradouro recebeu o nome de Arnaldo J. Diel em tributo ao empresário que se destacou frente às marcas da cerveja Estrela e Casco Escuro, ironicamente, anos depois a via foi fechada ao público por razão da ampliação da mesma indústria cervejeira:

O ano de 1975 foi marcante para quem vivia a beira do Rio Taquari. Com a justificativa de colaborar com o desenvolvimento da cidade, mais de cem famílias tiveram de deixar o local onde moravam [...] e começar a vida em outro lugar. [...] **Com seu fechamento, uma época de ouro da história da região ficou para trás.** (Jornal *O Informativo*, edição de 23 de agosto de 2008, p. 16, grifo nosso).

Isso nos transporta para o discurso de Assis Sampaio (1997, p.126), quando faz “um desabafo contra a onda iconoclasta que fechou ruas, arrasou quadras e escamoteou a beira do rio ao povo”:

Uma paisagem verde. Um trecho do rio. Uma canoa de um pescador. Um ipê em flor. Uma estrada sinuosa. Um morro azulado. Um pequeno povoado. Uma praia pedregosa. Estas são imagens proibidas. Palavras eliminadas do moderno dicionário capitalista. Ininteligíveis no contexto da plutocracia imperante. É a evolução. É a metamorfose da nova era das máquinas, dos computadores, dos números frios de estatísticas e gráficos econômicos. É o fim do “homo sapiens”, substituído pelo “homo numeralis”, sem alma, nem sentimento (Sampaio, 1997, p. 125-126).

Tal conjuntura é decorrente do período de 1960. Contudo, boatos de uma possível devolução das ruas, e finalmente a tão esperada notícia chega à população estrelense, e principalmente, é recebida com grande alegria pelos barranqueiros: em outubro de 2008, parte da história de Estrela será revivida com a abertura do trecho da via, a tradicional Rua da Praia, fechada aos moradores há 33 anos. O depoimento de Maria Cecília Dresch legitima o exposto, ao relatar ter reagido

com surpresa ao telefonema que recebeu em uma certa manhã de agosto. Do outro lado da linha, uma funcionária da prefeitura solicitava a lista dos 120 barranqueiros remanescentes. O motivo: convidá-los todos para o ato de reabertura da Rua Arnaldo Diel, em outubro. A alegria com a confirmação do anúncio contrasta com o sentimento que Maria Cecília teve há 33 anos, quando deixou a casa onde vivia, na beira do rio. “Tinha de ceder e cooperar com o desenvolvimento de Estrela, eles diziam”, comenta. “Foram comprando uma casa atrás da outra, e começaram com a minha.” A vizinhança que acabava de se desfazer era festiva e tranquila. Durante a

noite os carros podiam ficar estacionados na rua e as casas eram fechadas com uma tramela. “Senti muito, pois lá éramos todos conhecidos. Chorei muito”, relata. A tranquilidade foi aos poucos substituída pelo entra e sai de veículos de carga na Polar. “As vezes não conseguíamos sair de casa porque tinha caminhão na garagem”, lembra outra ex-barranqueira, Dóris Maria Ruschel. Em abril de 2006, a AmBev anunciou a desativação da fábrica de cerveja de Estrela. Foi quando os moradores passaram a discutir o futuro da rua. “Não sabemos exatamente o que vai acontecer, mas esperamos que a gente possa usufruir o que resta de história”, diz o estudante de História Ismael Diedrich, agregado à turma dos barranqueiros desde 2005. Ele, que foi um dos produtores do documentário *Vapores do Vale do Taquari*, conta que na época Estrela era mais movimentada que Lajeado. Para o estudante, a reabertura da Rua da Praia é um resgate da história, ainda que o local não fique como era antes (Jornal *O Informativo*, edição de 23 de agosto de 2008, p.17).

Os rumores da desativação do complexo da Polar e a possível reabertura da Rua da Praia reascenderam discussões nas mais diferentes esferas: econômica, política e social, mobilizando a comunidade em geral. As manifestações motivaram desde atos simbólicos como o abraço à Polar para evitar o fechamento, nota da edição nº 17 do circular Folha de Estrela do dia 09 de setembro de 1999; bem como pronunciamentos públicos por parte de representantes do legislativo local, como consta no exemplar nº 244 de 04 de março de 2004 do mesmo jornal, do vereador Luiz Fernando Schneider que “acusa empresa de desativar unidade de Estrela, descumprindo acordo com o Conselho de Desenvolvimento Econômico – CADE”.

Como já ressaltado, os barranqueiros sempre foram notados quando ocorriam referências nos tabloides à indústria e enfatizados quando registros mencionavam a já famosa Rua da Praia. Diferentes reportagens foram publicadas em que os mesmos atuaram no cenário como personagens principais.

Na edição nº 79 de 16 de novembro de 2000, o jornal Folha de Estrela publica a notícia intitulada “Barranqueiros do Rio Taquari promovem seu primeiro encontro”, que foi realizado no dia 25 do corrente mês. A festa contou com mais de 100 participantes segundo informações na edição nº 81, e ainda confirmou que o evento consistiu em uma iniciativa de integrantes das famílias Ruschel e Finger, computando visitantes e ex-barranqueiros chegados de diferentes municípios do estado e mesmo de outros estados brasileiros (Rio de Janeiro, Porto Alegre, Xangrilá, Venâncio Aires,...). Para a festa foi organizada uma exposição de fotos antigas retratando o tempo que havia uma praia, onde acontecia um evento como a Rainha das praias do Taquari, apelidado de “Rainha dos Cascalhos” e também fotos da

escadaria que dava acesso ao Cais do Porto, edificada em 1924. O senhor Mário Ruschel compôs uma música, sobretudo para o encontro, nomeada Hino dos Barranqueiros do Rio Taquari. A reportagem finaliza com uma fala de um dos participantes do encontro: “Foi uma verdadeira festa para matar as saudades, rever os amigos e reviver histórias passadas” (ANEXO D).

Em 22 de setembro de 2005, na edição nº 329, novamente o grupo é aludido em reportagem do Semanário, quando é agendado outro encontro para o mês de dezembro do mesmo ano. Para a realização deste acontecimento um grupo de ex-moradores da antiga Rua da Praia reuniu-se na residência do casal Noeli e Valdir Finger para programar o II Encontro dos Barranqueiros. Este evento foi abordado de diversas formas nos exemplares de nº 338, 339 e 340, além do exemplar citado acima. Em meio aos conteúdos que permearam o assunto, destaca-se a programação da festa que teve início às 9h do dia 03 de dezembro com exposição fotográfica de Ismael Diedrich com o tema: “As memórias da Praia do Cascalho através de fotos”¹⁶, no Centro de Cultura Bertholdo Gausmann, acompanhado de café da manhã e às 12h almoço no salão da Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas – OASE, cuja renda reverteu em benefício do Grupo de Danças Folclóricas de Estrela. Assim como um passeio com o barco Princesa Daiana para relemburar bons momentos.

Além da exposição, a programação durante a manhã contou com música ao vivo dos irmãos Mário e Olavo Ruschel. Posteriormente no salão da OASE, onde aconteceu o almoço foi feita a saudação aos visitantes com apresentação dos organizadores e a seguir os barranqueiros falecidos foram homenageados através de fotos em telão. A tarde foi embalada com músicas dos anos 60 e 70 e apresentação do Grupo de Danças Folclóricas de Estrela (ANEXO E).

O próximo encontro foi referência na Folha, na edição nº 413 do dia 31 de maio de 2007, quando a notícia foi titulada: “Já está marcado o 3º Encontro dos Barranqueiros do Rio Taquari”, onde estariam, segundo informações do jornal,

¹⁶ A exposição realizada por Ismael Diedrich é resultado de uma pesquisa respectiva à disciplina de História Oral, do curso de História da Univates. A proposta da disciplina é desenvolver um projeto que utilize como recurso metodológico a História Oral, por conseguinte, as entrevistas foram o embasamento deste trabalho. Os entrevistados tiveram papel determinante tanto nas informações prestadas no decorrer das entrevistas, como nas fotografias que colocaram a disposição, as quais deram origem à mostra de fotografias que fez parte da programação deste segundo encontro dos barranqueiros.

sendo esperados mais de cem barranqueiros no almoço agendado para o dia 1º de dezembro de 2007, no SESI em Estrela.

Para além disso, outro acontecimento trouxe como notícia os barranqueiros. O exemplar nº 486 do dia 30 de outubro de 2008, exibiu a data da solenidade de entrega à população das duas ruas (Coronel Flores e Arnaldo J. Diel), “engolidas” pelo complexo da Polar, para o dia 08 de novembro de 2008. Sobre o evento o prefeito Celso Brönstrup salientou: “Não são apenas ruas, em cada metro delas há história, há vida e, sobretudo, foi nelas que a “Princesa do Vale” (Estrela) tomou rumo do crescimento econômico e social por muitas décadas”. A notícia também destacou que a festividade contou com a participação de pessoas que residiam no local antes do fechamento das vias, bem como, a fala da antiga moradora Noeli Finger: “É uma honra pra nós Barranqueiros, ver novamente essas ruas voltarem a ter vida”. Na edição nº 488 do dia 13 de novembro de 2008 quando a reportagem acenou a ocorrência oficial de abertura das ruas houve referência ao pronunciamento de Roseli Teresinha, que falou em nome da irmã Noeli Finger, representando os barranqueiros e que a finalização do evento ocorreu em clima de grande emoção, quando todos os presentes cantaram o “Hino dos Barranqueiros do Rio Taquari” (ANEXO F).

Se por um ponto de vista a “tranquilidade” da época não existe mais, por outro, o elo entre os moradores continua similar. Os encontros realizados desde 2000 para relembrar o passado comprovam tal afirmativa.

A análise sobre a Cervejaria Polar realizada no presente capítulo permite, portanto, que se conheça parte da história dessa empresa que ocupou e ainda ocupa um espaço de proporcional importância para o município. A partir da pesquisa constatou-se que além da força econômica que representou, a indústria continua presente na memória da comunidade consolidando-se como herança social e histórica para a cidade de Estrela¹⁷.

¹⁷ Para ter acesso a mais informações sobre o referido assunto, ver Relatório de Estágio Supervisionado em Acervos, intitulado “Mapeando a Antiga Cervejaria Polar nos 15 Anos de Existência do Jornal Folha de Estrela”. Trabalho realizado em junho de 2014, pela acadêmica Cristiane Schneider, orientado pela professora Dra. Márcia Solange Volkmer e disponível para pesquisa no Centro de Memória, Documentação e Pesquisa da Univates – CMDPU.

Ao citarmos memória, impreterivelmente nos reportamos para recordações, apontamentos e autores. Sendo assim, o conceito de memória acena para multiplicidade de elementos e conjunto de interesses que são hoje divididos por estudiosos de diferentes áreas, conforme destaca Jacques Le Goff:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. [...] o estudo da memória abarca a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, [...]. Certos aspectos do estudo da memória, no interior de qualquer uma destas ciências, podem evocar, de forma metafórica ou concreta, traços e problemas da memória histórica e da memória social. O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento (Le Goff, 2003, p. 419; 420; 422).

Ecléa Bosi também se apropria de questões conceituais sobre memória e toda a conjuntura determinante para formação da coletividade. Conforme a socióloga, “uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo” (Bosi, 1994, p. 408).

Tendo em vista que esse trabalho contempla a história de grupos familiares da cidade de Estrela, é importante compreender que o resgate da memória é constituído a partir de lembranças.

As lembranças do grupo doméstico persistem em cada um de seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. Trocando opiniões, dialogando sobre tudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar. Os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem. Esse enraizamento num solo comum transcende o sentimento individual (Bosi, 1994, p. 423).

Nesse sentido, a discussão atinente a conceitos de memória, lembranças e recordações permite pensar especificamente o processo de desocupação dos moradores da Rua da Praia, tema central da presente pesquisa. No próximo capítulo, com a palavra, os barranqueiros.

4 A SEMPRE E PARA SEMPRE NOSSA: RUA DA PRAIA

Um conto de fadas entre os desdobramentos de uma história real é o que determina a combinação de sentimentos transmitidos pelos moradores da Rua da Praia, ao retratar sobre o “seu” pedacinho de chão.

Por tratar-se de uma conjuntura socioeconômica envolvendo o sujeito na sua essência, conflitos, rupturas de elos estabelecidos ao longo de um período, compactuo com Pesavento (2004, p. 185): “Chegamos, com isso, ao coração do plus: o corpo e a alma do mundo, sonho de todo o historiador, mesmo sabendo que, desta temporalidade escoada, ele só possa construir versões que ofereçam verossimilhança com o real passado”.

E ainda sob o rastro do raciocínio pesaventiano acrescento:

Com o corpo e a alma do mundo queremos tanto dizer as coisas, os gestos, as práticas e as gentes de cada dia que um dia existiram, na sua cotidianidade ou na sua excepcionalidade, e que constituem o *corpo* deste passado, quando nos referimos às sensibilidades, às motivações, às razões, às certezas, às emoções e aos sentimentos que correspondem à *alma* do mundo de um momento histórico dado (Pesavento, 2004, p. 185).

Nesse sentido, a reconstituição do cotidiano dos protagonistas desta história se deu a partir do uso da história oral. Esse viés investigativo que busca produzir relações entre memória e história é sublinhado por Antônio Torres Montenegro:

[...] a história oral como um meio privilegiado para o resgate da vida cotidiana, tendo em vista que esta se mantém firmemente na memória, apesar de poder sofrer alterações como resultado de experiências

posteriores ou mudanças de atitude (Niethammer *apud* Montenegro, 2007, p. 16-17).

As informações apanhadas a partir da história oral, indispensáveis para evolução desta análise, são fundamentadas por essa linha teórica. Seguindo na perspectiva de Montenegro (2007, p. 16):

[...] o trabalho da história oral junto aos segmentos populares resgata um nível de historicidade que comumente era conhecida através da versão produzida pelos meios oficiais. [...]. À medida que os depoimentos populares são gravados, transcritos e publicados, torna-se possível conhecer a própria visão que os segmentos populares têm das suas vidas e do mundo ao seu redor.

Considerando ainda o valor dos testemunhos para construção desta história, fica oportuna a definição de Lucília de Almeida Neves (2000, p. 109):

Quando se emprega a metodologia da História Oral, um projeto previamente elaborado por historiadores orienta o processo de rememorar e relembrar sujeitos históricos, ou mesmo de testemunhas da história vivida por uma coletividade. Desta forma, os depoimentos coletados tendem a demonstrar que a memória pode ser identificada como processo de construção e reconstrução de lembranças nas condições do tempo presente.

Nos traços da memória sobre a Rua da Praia há manifestações muito instigantes, como é exemplo a poesia de Anícia S. Ruschel (2015, depoimento escrito), que nos remete para um tempo de lembranças e saudades, em que havia “uma ruazinha estreita, de chão batido e cascalhos, de casas simples, ajardinadas, onde viviam famílias que se tornaram uma grande família unida”.

*A rua da minha infância já não existe,
Ficou apenas na saudade e lembranças,
Era uma rua alegre, nunca foi triste,
Pois nela corria um bando de crianças.*

*Aquela ruazinha estreita e acanhada,
De chão batido, poeira e cascalhos,
De verdes musgos, toda atapetada,
Teceu meus sonhos como colcha de retalhos.*

*Nas tardes quentes a turma se reunia,
Para os folguedos, jogos de bola e pião,
Soltar pandorgas, bilboquê, cinco marias,
Bolas de gude, pular corda, pega-ladrão.*

*E nas asas da liberdade que a infância nos legava,
Corríamos descalços, sem lembrarmos das horas,
Colhendo moranguinhos que a natureza presenteava,
Frutas da China, gabirola, doces amoras,
(Vou dizer ao teu pai que tu namoras).*

*E nas férias de verão, sob o sol, no estio,
Brincávamos alegres, todos os dias da semana,
Piqueniques, pescarias, banhos de rio,
E a gurizada pelada na prainha americana.*

*Mas o tempo implacável foi passando,
Vieram namoros, noivados, casamentos,
A turma aos poucos foi se dispersando,
Para viver suas vidas, seus sonhos, seus momentos.*

*Mas por mais que andemos pelas estradas da vida,
Em grandes metrópoles, cidades ou capitais,
Jamais esqueceremos nossa ruazinha querida,
“Marechal Deodoro” carinhosamente, “Rua da Praia” e nada mais...*

Outros entrevistados estabeleceram suas falas sobre este contexto, entretanto, a equivalência nas recordações atinentes ao saudoso local, foi unânime. Maria Cecília Dresch (2015, depoimento oral), considera com afincos:

Aquele lugar era maravilhoso. Nós éramos uma família. Aquela gente tão querida, eu nunca morei num lugar tão bom que nem na Rua da Praia. Aquelas pessoas, éramos uma família. [...] [Suspiro] Era tão bom, eu fazia cuquinhas, e eu saía e dizia, olha, tem cuquinha, a senhora da padaria que era a Noeli e a mãe dela, ela emprestava o forno, eu fazia cuquinha, as crianças iam lá em casa brincar, os filhos do Miguel Ruschel, que era o Ângelo, o Miguelito, as três meninas, era tão bom de viver lá, a Helena Stroguer, a dona Zulmira Mallmann, a Marta Ruschel, a dona Melita Ruschel, que era do seu Alfredo, que era mãe do Mário, do Tarcísio.

Noeli Finger (2015, depoimento oral), a propósito do que representou em sua vida morar na Rua da Praia, relata:

Eu vivi dos 5 anos até os 20 anos na Rua da Praia, na época a rua Marechal Deodoro. E nesta rua eu vivi a minha infância até eu casar. Nós morávamos junto a barca, na descida da barca, onde as pessoas se dirigiam para Lajeado, ida e volta da barca. Nós vivenciamos fatos pitorescos, porque na época era a prainha, famosa praia do rio Taquari, onde se desenvolviam muitas atividades. As pessoas faziam piquenique, iam com as famílias, ficavam debaixo das árvores, montavam as suas barracas. E na descida dessa rua, até chegarem à praia, as pessoas compravam alimentos na padaria do meu pai e da minha mãe. Compravam doces, compravam mil folhas – o mil folhas era famoso – , compravam as bebidas, e lá então se dirigiam. [...] Muitas famílias nem iam para a praia, a nossa praia era vivida no rio Taquari. E ali a gente nadava, a gente levava os cachorros, todo mundo se deliciava junto aquelas águas. Ali também

lavavam as roupas, as lavadeiras levavam as roupas em cima das cabeças, aquelas trouxas enormes e ali então elas lavavam as roupas das famílias que residiam ali na Rua da Praia. [...] Eram famílias, e as famílias eram integradas. Existia amizade, existia companheirismo, existia assim ó, uma aproximação magnífica que hoje não existe mais. Então as pessoas uma ajudava a outra, e na padaria da minha mãe, quando era época de Páscoa, de Natal, as pessoas vinham e faziam os doces, faziam as cucas, faziam os assados.

A mesma intensidade de emoções percebida nos registros anteriores é transmitida no testemunho de Léa Ruschel (2015, depoimento oral, grifo nosso), quando se refere ao mesmo período:

o que representou para mim, foi um pedaço da minha vida, porque a gente se criou com as amizades, com todos os moradores, nós éramos todos muito unidos, **e depois surgiu este negócio de terminar com a Rua da Praia, quando fecharam a rua, e a gente foi saindo, foi uma coisa assim que desmanchou.** E nós vivíamos assim em família, em amizades, sabe, era tudo muito lindo, muito bom.

O conjunto dos depoimentos expressam: Significávamos uma família. O encanto se “desmanchou”. O que olhares distantes nos revelam em momentos que, afastados da realidade presente, se perdem em meio às lembranças ao recordarem a circunstância alusiva ao fechamento da antiga Rua da Praia.

Diante deste cenário que nos conduz de forma involuntária a reviver episódios de uma história real, usa-se Ecléa Bosi por apresentar uma significação que ilustra a cumplicidade de pessoas num determinado grupo, produzindo sentido aos laços construídos em razão de um período de convivência. Como fica explicitado a seguir:

Na constituição da memória familiar são importantes os contatos com outros grupos. Uma família pode ter morado longos anos num mesmo bairro, formando vínculos estreitos com a vizinhança, suas lembranças brotam de um e outro, dada a íntima vivência de ambos. Se podemos reagrupar em nossa subjetividade lembranças de espaços sociais diferentes, podemos também sobrepor imagens do mesmo espaço social. Quando a criança sentou-se chorando na soleira da porta, com o joelho machucado, a vizinha pode ter acudido antes da mãe. Depois da noite que ela passou tossindo, ouve, quando desperta, mesclada às vozes familiares a voz da vizinha receitando xarope. Muitas lembranças devem-se às meias paredes das casas populares, que fundem os ruídos e vozes de duas famílias. Os sucessos escolares do menino são acompanhados com entusiasmo pelos vizinhos. São duas correntes de pensamento coletivo que convergem, sustentando o acontecimento, oferecendo estabilidade à lembrança. Com a mudança de bairro uma das correntes se extinguirá e ele sofrerá apenas a

ação da corrente familiar cuja influência se tornará então mais forte (Bosi, 1994, p. 431-432).

Os ditos de Bosi perpassam a análise dos testemunhos na sustentação de que a Cervejaria Polar fazia parte desse conjunto de movimentações que conferia autenticidade aos personagens naquele contexto. A Rua da Praia, os Barranqueiros e a Polar eram um só, e dessa forma, a vida seguia (ANEXO G). Neste sentido, a fala de Mário Ruschel (2014, depoimento oral, grifo nosso), é especialmente significativa:

[...] nós considerávamos a Praia, a Rua da Praia, uma rua independente, parecia, digamos assim, um lugar totalmente alheio à cidade de Estrela, porque a cidade de Estrela era constituída de uma certa classe, os que moravam no morro eram da alta sociedade e nós que morava na baixada era da baixa sociedade. Isso é uma coisa natural, a gente desde criança já sentia, é que quando nós tínhamos que subir pro centro, nós sentíamos inibidos, porque nós éramos das famílias humildades da Rua da Praia, enquanto que, os lá de cima sabiam disso também, se julgavam assim, coisa de criança, coisas de crianças. E aí a gente vivia no mundo alheio a tudo isso. Tínhamos lá antigamente na **nossa** Rua da Praia, o campo de futebol do Estrela Futebol Clube e lá era o **nosso** lugar. E o próprio rio, os banhos escondidos dos pais, **e, a própria Cervejaria Polar se constituiu uma coisa curiosa pra nós, nós sabíamos só que, saía de lá cevada, gelo, gasosa – que se chamava na época o refri – o resto a gente como criança não entendia, só sabia que era aquele barulho todo de garrafa, aquele movimento, rua sem calçamento.**

Tais considerações descrevem o panorama vivido pelas pessoas naquela comunidade. Todavia, a década de 1960 se manifesta de forma desfavorável àquele grupo. Finger (2015, depoimento oral, grifo nosso), explica sobre tal episódio:

[...] meus pais tiveram padaria, tiveram padaria por 28 anos ali naquela rua, **e de repente, a Cervejaria Polar, começou a se desenvolver**, já estavam com 700 empregados na época e o prefeito municipal [...], achou por bem de indenizar as famílias para que a cervejaria fosse desenvolvida e que eles então assumissem esta rua. [...] eu vivi ali com meus irmãos e todos ajudando na padaria, e de repente o que aconteceu? Os meus pais faziam, a minha mãe fazia 80 completos por dia para os empregados da cervejaria. De manhã ela fazia as garrafas de cerveja cheias de café com leite e muitos empregados não tinha dinheiro e a minha mãe então, sempre dava. Ela era assim uma pessoa magnífica de caridade, ela ajudava, ela dava um pedaço de linguiça, sempre um lanche para aquelas pessoas. [...] Bom, estas famílias aqui aos poucos foram perdendo a freguesia, por quê? Porque a cervejaria introduziu um restaurante para os funcionários, então eles tinham uma cozinha própria. E os meus pais começaram a ficar sem mais aquelas pessoas para comprarem e adquirirem coisas, [...] porque até então a cervejaria que fornecia, eles tinham um refeitório, e aos poucos as coisas

começaram a ficar difíceis, eles não tinham mais aquela clientela, o pessoal começou a comprar pouco, porque eles ganhavam tudo lá na cervejaria [...]. E dali cada dia foi piorando, piorando. Eu sei que eu casei em 1960, fui para Porto Alegre, morei lá por 23 anos, mas eu vinha de 15 em 15 dias para Estrela, e eu comecei a sentir a dificuldade que meus pais passaram. Foi muito cruel, foi muito difícil, [...]. De repente o prefeito municipal chamou os meus pais e disse: olha, vamos fazer um negócio. E dali eles foram morar numa chácara no interior aqui de Estrela.

Outro testemunho que enriquece o estudo é de Mário Ruschel (2014, depoimento oral), quando expõe:

O que eu me lembro, que aí eu já não morava mais lá, esse processo aconteceu quando eu já estava casado, mas eu lembro que um dia a Polar resolveu tomar a Praia, para aumentar a construção. Foram falar com o pessoal, quem concordasse, eles fariam uma recompensa bem maior do que o valor, foi o caso dos meus pais. A nossa casa lá era uma casinha, antiga ferraria, mal cabiam lá cinco ou seis pessoas naquela casa. [...] Lembro quando minha mãe veio falar comigo. O que você acha disso tudo? Digo ó mãe, depende da proposta. Aí então eles mandaram me chamar, fui lá, conversei com... na época era o Odilo Thomé era o gerente geral. Disseram: não dona Melita, a senhora vai receber uma casa muito superior a que a senhora tem e aí falaram comigo e eu disse se for assim, não tem problema. E não houve nenhuma discussão a respeito. Foi uma coisa muito bonita, muito boa que aconteceu. [...] Apenas uma troca de uma casa miserável, uma casa que estava no fim por uma casa nova, bonita. Essa foi a parte que eu considero justa.

Sobre o conflito que envolveu negociações entre os moradores da Rua da Praia e a Cervejaria Polar, o qual provocou inquietações em meados dos anos 1960, há a explanação intensa de Maria Dresch (2015, depoimento oral):

Ai meu Deus, eu chorei, chorei tanto, antes de fazer o negócio. [...] Eles quase nos obrigaram a vender aquilo para poder aumentar a cervejaria. [...] Aí então o seu Arnaldo queria nos tirar da Rua da Praia a todo custo, para aumentar a cervejaria. Precisava daquele terreno, daquela casa velha. E nós não queria vender, nós gostava de lá, quantas noites eu me aborreci com isto. Aí Deus Pai todo poderoso resolveu meu problema. [...] Era dia 21 de abril ou perto de 21 de abril, apareceu um homem lá na loja, com chapéu grande, um homem gordo. Gente, gente, eu cortando vidro e o meu irmão saindo para colocar vidro, eu estava louca para xingar aquele homem, ué, tu por aí sem fazer nada e a gente se quebrando aí trabalhando. Aí ele pegou dois bilhetes e botou em cima do balcão. Disse: eu trouxe a sorte grande para a senhora. Nunca esqueci o número, 8.738. Aí eu olhei assim, porque a minha mãe gostava muito do 8, vou comprar. Peguei e botei na gaveta. [...] Depois de alguns dias ele veio com a língua de fora, dona Maria, cadê o seu bilhete? A senhora tirou na loteria! Disse que eu tinha tirado a sorte grande (risos). Aí chegou o seu Arnaldo, o que resolveu? Aí eu disse, olha aqui ó, porque eu tirei na loteria a dona Maria Moesch mandou nós conhecer o hotel Stein, queria me vender o hotel. Aí eu disse: seu Arnaldo,

vai lá e compra o hotel, nós trocamos com o senhor por esta casa. Eu não vou troca por essa baiuca velha (risos). No fim nos acertamos.

O trabalho analítico das entrevistas revela que muitas foram as motivações e/ou frustrações que conduziram essas famílias às mudanças. Os relatos esclarecem. Contudo, neste ponto, nos deparamos com os sentimentos que envolveram essas pessoas durante todo o processo. Noeli Finger (2015, depoimento oral), avalia em “tristeza, aborrecimentos, angústia. As pessoas começaram a ficar angustiadas porque nós não tínhamos mais como viver ali se as coisas estavam ficando difíceis”. Léa Ruschel (2015, depoimento oral, grifo nosso), desabafa: “a nossa prainha lá, nos cascalhos, então tudo terminou. [...] Aos pouquinhos foram se desfazendo. Aos pouquinhos a gente sentiu que não estava mais na Praia” (ANEXO H).

Por sua vez, percebe-se claramente que, anos depois o sonho de dar vida àquela ruazinha, de trazê-la de volta, ainda mobiliza estes moradores que cultivam até hoje um vínculo de amizade. Mário Ruschel (2014, depoimento oral), conectando o passado ao presente considera:

A única coisa é isso, que tudo que eu sonhei nada aconteceu. Eu sonhei que um dia nós teríamos a Rua da Praia e não a rua das indústrias, a Rua da Praia. Que voltasse aqui, aquilo que a gente sempre sonhou desde criança. Eu nunca soube na verdade, como criança nunca sabia, é... que aquela indústria que estava lá, eu achava que isto fazia parte, um monumento que fazia parte de tudo na nossa vida. Mas podia ser bem diferente, a Rua da Praia, podia ser a Rua da Praia... não a rua das indústrias, dos proletários, daquele capital. Podia ser uma rua bem linda, na beira da nossa praça, ali no centro da cidade com esta vista toda, tudo limpo, bonito, com lugares de lazer, churrasqueiras, né? E tudo... com hotel turístico implantado na beira do rio, lá no alto, ali onde fica aquela subida que vai pros antigos Hirtenkauf. Então... eu acho que deveria ter sido feito e não...talvez nossos netos hão de ver um dia uma situação dessas.

Apoiando-se na certeza dos laços mantidos ao longo dos anos e na esperança em trazer de volta a sempre e para sempre nossa: Rua da Praia, Anícia S. Ruschel (2015, depoimento escrito, grifo nosso) analisa:

Quanta tristeza me deu quando soube que todos os moradores desta rua tão querida, se mudariam para outros lugares, **mas, mesmo distantes uns dos outros, esta sólida amizade que uniu as famílias da nossa Rua da Praia jamais foi esquecida**, tanto que anos após, mais precisamente em

25 de novembro de 2000, alguns antigos moradores promoveram o encontro dos “Barranqueiros” como fomos denominados. Foi uma festa inesquecível: quanta saudade nos abraços, sorrisos, contos, conversas,... [...].

Neste sentido, é oportuno acrescentar que a mudança de vida originada pela desocupação dos Barranqueiros e o processo expansivo da Cervejaria Polar não foi fator determinante para rupturas, tempos depois, ambos continuam atrelados à mesma Rua da Praia. Tudo isso deve ser compreendido como um direito de conquista adquirido a partir de uma história existida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem caminha pela antiga Rua da Praia se embrenha numa história preenchida pela memória. Os Vapores, os Trapiches e Maxambombas, o Mil Folhas da padaria da tia Ilma, a Praia do Cascalho, o Zigue-zague, a Escadaria do Cais do Porto, a Cervejaria Polar e os Barranqueiros, são parte deste cenário de lembranças e saudades.

Ao longo destas páginas procurou-se analisar o processo de desocupação dos barranqueiros, moradores da antiga Rua da Praia em Estrela, procurando refletir sobre as motivações e/ou frustrações que conduziram estas famílias às mudanças. Sendo assim, a partir da hipótese levantada, concluiu-se que toda movimentação ocorrida na década de 1960 deu-se em razão da expansão econômica e territorial da indústria de bebidas Cervejaria Polar.

Sendo este um trabalho científico, vale ressaltar a utilização do suporte teórico durante todo o desenvolvimento da pesquisa. Um aspecto respeitável para a concretização da investigação é o fato de ser um assunto instigante e ao mesmo tempo pouco observado. Neste sentido, complementa o rol de trabalhos universitários e isso interessa a diferentes áreas da academia, acrescentando aos estudos catalogados ao Vale do Taquari, para a história regional, constituindo mais uma fonte de pesquisa tendo em vista a originalidade do tema do ponto de vista acadêmico.

No que diz respeito às possibilidades de abordagem do tema, consideramos um trabalho possível de realização, pois há um arquivo de fontes históricas com autenticidade como registro, mesmo que, prevaleceram os testemunhos.

Dessa forma, buscou-se justificar na introdução o interesse pela temática e apresentar as indagações que nortearam esta pesquisa. Falou-se sobre História Oral e sua importância para reconstrução do cotidiano dos personagens desta história.

Na formação do primeiro capítulo, pretendeu-se a contextualização do período histórico recortado para análise, ou seja, a década de 1960, nos âmbitos político, econômico e social. Anos de importante desenvolvimento na economia e mudanças na sociedade, cujos acontecimentos abarcaram o pequeno município de Estrela, quando iniciou efetivamente o processo tratado pela presente investigação.

Visando assinalar a Cervejaria Polar S/A, o segundo capítulo ofereceu um breve histórico da indústria considerando os aspectos de força econômica e a sua importância, pois, até hoje é lembrada por ex-ervejeiros e a comunidade em geral, além de explicar a forte relação entre a trajetória de expansão territorial e a desocupação dos moradores da Rua da Praia, por razão da anexação à empresa de algumas vias existentes nos arredores.

No transcorrer do terceiro capítulo, conferimos a partir de falas emocionantes, como se davam as relações entre os moradores, o que representava pertencer àquela rua, e sobretudo, a significação do desligamento.

A Rua da Praia em seu espaço físico continua, inclusive consegue-se sentir, ver e tocar em alguns resquícios do que foi e representou um dia. As recordações e saudades percebidas fazem parte de músicas e poesias. Atualmente são estes os sentimentos que emergem no que vibra as lembranças dos habitantes da cidade de Estrela, principalmente, dos seus antigos moradores.

Não existe como negar o que representou àquela gente estar lá, fazer parte daquela paisagem que por unanimidade teve referência a “uma grande família unida”. E quando ocorrem menções atinentes aos agentes externos que provocaram a “resistente” saída, transformando toda dialética interna e modificando para sempre

aqueles destinos, sentimentos de tristeza e angústia invadem os corações. As moradias não fazem mais parte do cenário social, mas continuam sentidas.

A reabertura das vias Arnaldo J. Diel e Coronel Flores em outubro de 2008, fechadas aos moradores há 33 anos reascenderam, sem dúvida, discussões nos mais diversos campos: econômico, político e social. No entanto, para os moradores, receber de volta a “sempre e para sempre nossa: Rua da Praia” representou momentos de extrema emoção. Durante a cerimônia pautada de discursos comoventes, o público foi convidado a cantar o Hino dos Barranqueiros do Rio Taquari e logo após a comunidade presente passeou pelas ruas abertas.

Promessas de revitalização da Rua da Praia norteiam projetos desenvolvidos pela administração municipal e a iniciativa privada, como por exemplo, a restauração da Escadaria do Cais do Porto inaugurada em março de 2015. Todavia, esse assunto vai além dos objetivos traçados para esta pesquisa. Dessa forma, está lançada a proposta para futuros trabalhos envolvendo a temática.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Cíntia. **As abordagens da sustentabilidade nas discussões sobre desenvolvimento**: uma análise a partir da obra de Dinizar Becker. 2008. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro Universitário Univates, Lajeado, abril 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos / Ecléa. – 3. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. O que a micro-história tem a nos dizer sobre o regional e o local? In: **História Unisinos**, V. 8, n. 10, p. 157-178, JUL/DEZ. 2004.

FALEIRO, Silvana Rossetti. **Lendo memórias**: 40 anos de Ensino Superior no Vale do Taquari e a construção do regional – História da Univates / Silvana Rossetti Faleiro. – Lajeado; Ed. da Univates, 2009.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. – 1. ed. 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2002.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. – 11. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

HOBBSBAWM, Eric J., 1917 – **A Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914 -1991 / tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. – São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques, 1924 – **História e Memória** / tradução Bernardo Leitão... [et al.]. – 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

KÜHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do Sul** / Fábio Kühn – 4. ed. – Porto Alegre : Leitura XXI, 2011.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória**: a cultura popular revisitada. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

NEVES, Lucília de Almeida. **Memória, história e sujeito:** substratos da identidade. **História Oral**. V. 3, 2000, p. 109-116.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O corpo e a alma do mundo. A micro-história e a construção do passado. In: **História Unisinos**, V. 8, n. 10, p. 179-189, JUL/DEZ. 2004.

RUSCHEL, Melita Auler. **O espelho de minha vida**. Estrela; 2005.

SAMPAIO, Assis, pseud.. **Nas barrancas:** crônicas de Estrela dos anos 70. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1997.

SCHIERHOLT, José Alfredo. **Estrela:** Ontem e Hoje. – Lajeado: O autor, 2002.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

VALE do Taquari: Banco de Dados Regional. Disponível em: <http://www.univates.br/bdr>. Acesso em: abr. 2015.

ZANCHET, Mateus João. **A importância da BR 386 para o desenvolvimento do Vale do Taquari**. 2013. 39 f. Monografia (Graduação) – Curso de Geografia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, Ijuí RS, fev. 2013.

Fontes impressas (Jornais e Revistas)

Jornal Folha de Estrela, edições de: 09 de setembro de 1999, n. 17; 16 de novembro de 2000, n. 79; 30 de novembro de 2000, n. 81; 04 de março de 2004, n. 244; 22 de setembro de 2005, n. 329; 24 de novembro de 2005, n. 338; 01 de dezembro de 2005, n. 339; 08 de dezembro de 2005, n. 340; 31 de maio de 2007, n. 413; 30 de outubro de 2008, n. 486; 13 de novembro de 2008, n. 488; 26 de março de 2015, n. 814 [Acervo do Memorial da AEPAN – ONG].

Jornal O Informativo, edições de: 1º e 2 de setembro de 2012, p. 20; 21 [Acervo do senhor Flávio Jaeger]; 23 de agosto de 2008 [Acervo do senhor Luiz Roque Schwertner].

Fontes orais – entrevistas transcritas

DRESCH, Maria Cecília. Depoimento oral. Estrela, 2015.

FINGER, Maria Noeli. Depoimento oral. Estrela, 2015.

RUSCHEL, Anícia Sarita. Depoimento escrito. Estrela, 21 de março de 2015.

RUSCHEL, Léa. Depoimento oral. Estrela, 2015.

RUSCHEL, Mário. Depoimento oral. Estrela, 2014.

ANEXOS

LISTA DE ANEXOS

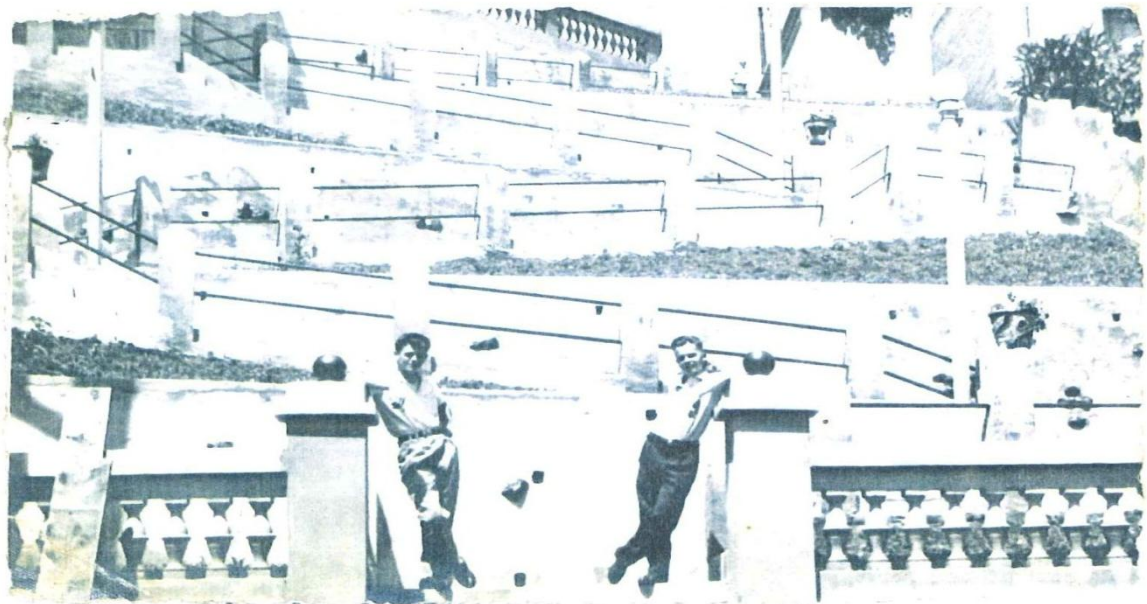
ANEXO A – Porto de Estrela na década de 1960	45
ANEXO B – O Zigue – zague	46
ANEXO C – Indústria de Bebidas Cervajaria Polar S/A	47
ANEXO D – 1º Encontro dos barranqueiros	48
ANEXO E – 2º Encontro dos barranqueiros	49
ANEXO F – Reabertura oficial da antiga Rua da Praia	50
ANEXO G – Rua da Praia	51
ANEXO H – Praia do Cascalho do Rio Taquari	52

ANEXO A – Porto de Estrela na década de 1960



Fonte: Acervo particular de Maria Noeli Finger

ANEXO B – O Zigue-zague



Zigue-zague: como os antigos moradores chamavam o caminho ladeirento e curvado que unia a parte alta da cidade até a beira do rio.

Fonte: Acervo particular de Maria Noeli Finger

ANEXO C – Indústria de Bebidas Cervejaria Polar S/A



Fonte: Acervo particular de Maria Noeli Finger

ANEXO D – 1º Encontro dos barranqueiros

FOLHA DE ESTRELA

ANO 2 • Nº 81 • ESTRELA, 30 DE NOVEMBRO DE 2000 • R\$ 1,50

"A imitação é a forma mais sincera de elogio"

William Bernba

Secretários

Sucesso o 1º encontro dos *barranqueiros*

Moradores da antiga Rua da Praia de Estrela (hoje Arnaldo J. Diehl) reuniram-se, no último sábado com mais de 100 participantes

Fotos: Arquivo/Folha



ARRANQUEIROS: Festa descontraída para lembrar. No detalhe, foto de 1916 da Rua da Praia, engolida pela Cervejaria Antártica - Polar

PAULO R. QUEVEDO

Com o objetivo de reviver amigos e vizinhos, moradores da antiga Rua da Praia, hoje Arnaldo J. Diehl, realizaram, no sábado último, um encontro que reuniu mais de 100 pessoas.

A iniciativa, denominada Encontro dos Barranqueiros do Rio Taquari, partiu de integrantes das famílias Finger e Rusche e teve recepção, almoço de confraternização com música e uma exposição de fotos antigas da rua e seus moradores.

O encontro de estrelenses que hoje moram no Rio de Janeiro, Porto Alegre, Xangri-lá, Venâncio Aires, e, naturalmente, muitos que ainda residem na cidade. "Foi uma tarde maravilhosa onde pudemos rever pessoas que há muito não encontrávamos e recordar os bons tempos da nossa linda praia dos cascalhos, palco de muitas belas tardes de verão", disse uma das participantes da festa dos barranqueiros.

Mais detalhes na página 3.

Reportagem de capa do jornal Folha de Estrela referenciando o sucesso do 1º encontro dos barranqueiros realizado em novembro de 2000.

Fonte: Acervo particular de Maria Noeli Finger

ANEXO E – 2º Encontro dos barranqueiros



Momento do 2º encontro dos barranqueiros ocorrido em dezembro de 2005.



Exposição fotográfica de Ismael Diedrich com o tema: "As memórias da Praia do Cascalho através de fotos".

Fonte: Acervo particular de Maria Noeli Finger

ANEXO F – Reabertura oficial da antiga Rua da Praia



Fonte: Acervo particular de Maria Noeli Finger

ANEXO G – Rua da Praia

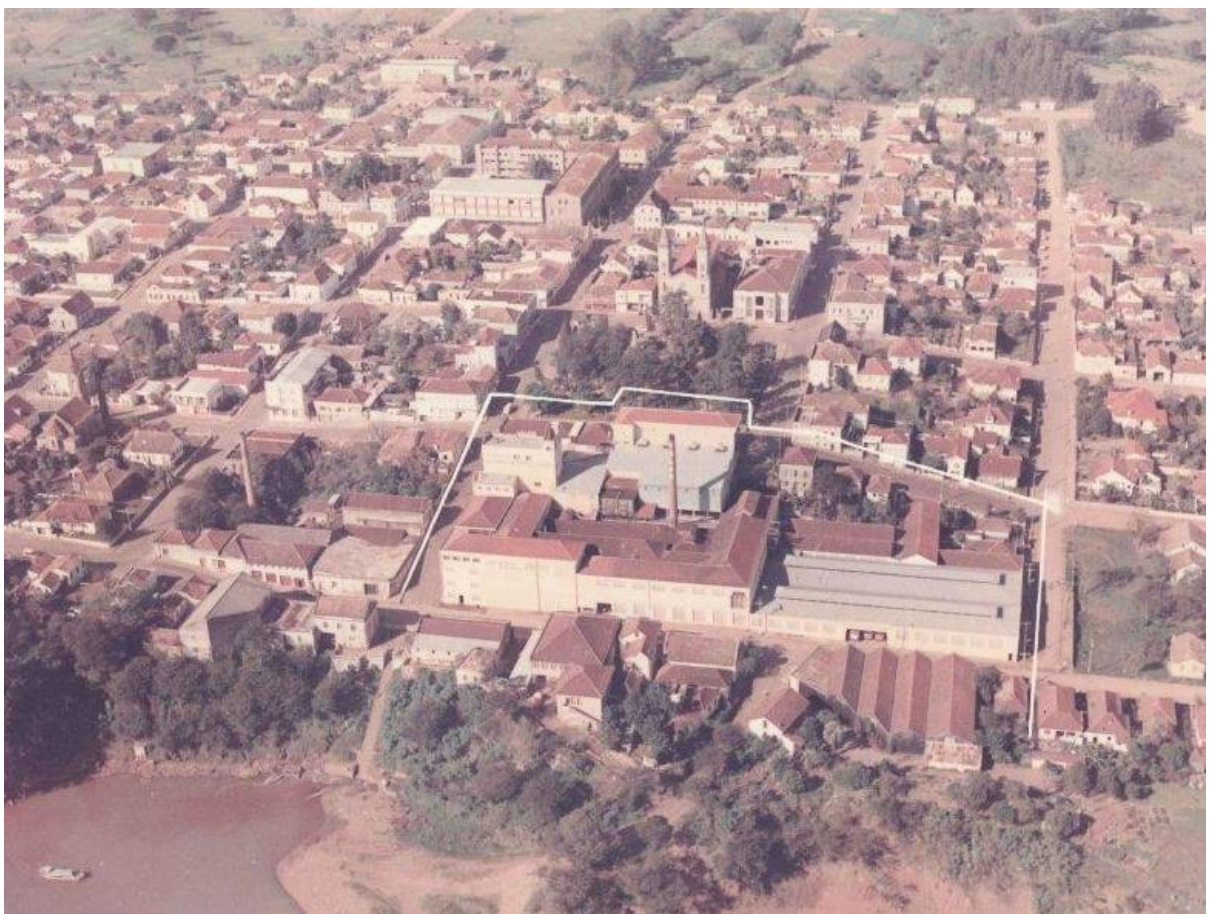


Imagem aérea que registra o complexo industrial da Cervejaria Polar S/A, a Rua da Praia e as moradias, na década de 1960.

ANEXO H – Praia do Cascalho do Rio Taquari



24 - Praia de Estrela - I.

GENT.FOLHA DE ESTRELA -PAULO R.POCHMANN DE QUEVEDO

A N O S 1 9 6 0



Fonte: Acervo particular de Maria Noeli Finger